

EUGÉNIO FONSECA
PRESIDENTE DA CÁRITAS PORTUGUESA

“Falta-nos a ideia da construção do bem comum”

DIA 26 DE OUTUBRO O MONTEPIO CORREU A FAVOR DO PROGRAMA “PRIORIDADE ÀS CRIANÇAS” CONDUZIDO PELA CÁRITAS PORTUGUESA DESDE 2008. EUGÉNIO FONSECA, O PRESIDENTE DESTA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA, FALA-NOS DOS VETORES DA SUA ATUAÇÃO E DO SONHO EM QUE ACREDITA

POR RITA MARIA
FOTOGRAFIA ARTUR E ARQUIVO CÁRITAS PORTUGUESA

Eugénio Fonseca, presidente da Cáritas Portuguesa desde 1999, explica que esta organização existe para todas as pessoas e procura ajudar a resolver todos os problemas. É através da Cáritas que a Igreja Católica promove a sua ação social e caritativa, sempre a funcionar em rede: em Portugal atua através de grupos organizados em mais de 50% das 4 135 paróquias existentes. Internacionalmente articula-se com as Cáritas presentes em 160 países e que atingem mais de 200 territórios. É assim que a caridade cristã chega aos lugares mais recônditos de Portugal e do estrangeiro.

Como define a Cáritas?

A Cáritas é uma instância oficial da Igreja Católica para a promoção da sua ação social e caritativa, missão que realiza tendo em conta cinco vetores: Assistência, Promoção Humana,

Promoção Social, Intervenção Social e Subsidiariedade. A cruzá-los está o setor das emergências que sintetiza tudo isto, tanto em Portugal como noutros países.

Qual é o primeiro vetor da atuação da Cáritas Portuguesa?

Trata-se, sem dúvida, da assistência, uma das tarefas que mais temos posto em curso sobretudo nos últimos quatro anos. E só concebemos esta assistência em profundidade: damos o peixe, a cana, ensinamos a pescar e procuramos fazer com que haja peixe nos lugares onde as pessoas querem pescar.

Quase como o ditado chinês...

Sim, mas este ditado é muitas vezes deturpado. Afirmar-se constantemente “prefiro dar a cana a dar o peixe”, mas isso é assumir uma posição comodista. Acaba por não se dar o peixe nem a cana. E estamos num período em que não há canas, basta ver





PERFIL

Eugénio Fonseca, um homem que sonha

“Na Cáritas temos um sonho: construir uma sociedade mais fraterna.

É um sonho utópico mas talvez muito do que hoje existe e é realidade, como as tecnologias, tenha sido uma utopia para os meus avós. Alguma vez eles pensavam que eu poderia

estar a comunicar com alguém a milhares de quilómetros? Isso era uma utopia irrealizável. E por isso eu sigo e acredito numa frase de Luther King: ‘Ou vivemos todos juntos como irmãos ou morremos todos juntos como idiotas.’”

os índices de desemprego. Se disséssemos às pessoas que aguardassem até arranjarmos as canas, muitas já tinham morrido de fome.

Quando diz “procuramos fazer com que haja peixe nos lugares onde as pessoas querem pescar”, isso significa exatamente o quê?

Trata-se da promoção humana e social, o segundo e terceiro vetores da nossa intervenção. Significa ir ver onde radica o problema. Às vezes a pobreza não está na pessoa, está na falta de habilitações escolares ou profissionais, na incapacidade de obter informação para saber onde pode buscar os seus direitos. É ajudar as pessoas a posicionarem-se como cidadãos cumprindo os seus deveres e exigindo os seus direitos. É procurar que não se resignem à condição em que se encontram mas que se promovam.

Fazemos isso através de formação escolar e profissional. Recorremos, como qualquer outra entidade, a apoios comunitários e ministramos cursos.

Vamos da alfabetização à profissionalização, passando por formações criadas para quem precisa de desenvolver capacidades para organizar a própria vida. Um exemplo é o projeto Laços com Cor. Ensinamos as pessoas a lerem as contas de água, gás, etc., a saberem quando e onde devem pagá-las. Ensinamos-lhes a fazerem coisas tão simples como ir ao supermercado. A formação passa por ir com elas e deixá-las, sozinhas, fazerem a escolha. Depois, antes de pagarem, levá-las a avaliarem se é daquilo que precisam. Isto é promoção da pessoa. Também estamos a entrar em processos para ajudar os cidadãos na criação do próprio posto de trabalho – a construir a sua própria cana – através de, por exemplo, microcrédito. Aí entramos em parcerias com entidades como o próprio Montepio, que vai cooperar connosco num novo programa que se chama Criatividade.

Recentemente surgiu em Portugal uma nova pobreza. Como é, neste contexto, a intervenção da Cáritas?

Afirmo, durante muitos anos, que Portugal estava a construir um novo estilo de pobreza, os pobres a crédito, aos quais eram dados cartões que os sujeitavam a empresas que viviam apenas disso. E essas pessoas tinham uma iliteracia funcional muito grande, não liam nas entrelinhas dos contratos nem percebiam o que estava a acontecer. Com o rebentar da crise tornaram-se pobres efetivos, são o que chamo os novos pobres. A Cáritas entra aqui com o quarto vetor da sua atuação, o da intervenção social. Procuramos analisar estas situações e apresentar propostas aos decisores políticos. Quando não há recetividade trazemos essas questões para a opinião pública. O objetivo é ajudar a transformar o sistema, criando novas condições de organização socioeconómica e política.

É a pobreza envergonhada?

Devo dizer que só ouço falar na pobreza envergonhada em Portugal. Não sei quem inventou essa expressão. Em Portugal há a estigmatização da pobreza porque se criou a ideia de que só é pobre quem quer porque trabalho não falta. É claro que, se sempre ouvi dizer que só é pobre quem não quer trabalhar, tenho vergonha de ter ficado pobre, não me quero expor. Isto para dizer que a pobreza envergonhada é resultado de um preconceito.

Há pessoas que sempre trabalharam e nunca conseguiram sair da condição de pobreza. E hoje, com tanto desemprego, temos gente que nunca pensou em ficar desempregada. E não é só o desemprego, há muitas situações que, de repente, mudam a vida das pessoas e as tornam pobres: uma doença, um divórcio, um filho portador de deficiência, um acidente...

E como se resolve a pobreza?

A luta contra a pobreza tem que passar por toda uma ação junto dos não pobres. E temos feito uma luta contra a pobreza sempre com os pobres, deixando à margem os não pobres.

A Cáritas costuma ser o primeiro ou um dos primeiros nomes que surgem quando é preciso atuar contra crises, sejam de pobreza ou não. Estão sempre prontos?

Para responder terei de falar do quinto vetor da nossa atuação, que é o da dinâmica que temos. Trabalhamos em subsidiariedade. Chegamos a ter dificuldade em expor números reais do trabalho que fazemos porque vamos até à pequenina aldeia. Temos grupos de voluntários nas paróquias, que dinamizamos, e que respondem diretamente às mais variadas necessidades. A incidência maior é na assistência, sendo que alguns também conseguem investir na promoção humana.

Já estamos em mais de 50% das 4 350 paróquias do país. É esta rede capilar que nos faz chegar aos lugares mais recônditos de Portugal.

Estão perto das pessoas e dos seus problemas?

Temos uma estrutura organizada, chegamos depressa às pessoas, seja em Portugal ou lá fora. A Cáritas está em mais de 162 países. Quando há calamidades, como no Haiti (para citar um dos mais recentes), conseguimos atuar rápida e consistentemente.

É essa a ação junto dos não pobres que refere? A necessidade da parilha?

O povo português é inexcetivelmente solidário. Mas é um povo reativo e não pró-ativo, por isso ainda não há a cultura da solidariedade. O que falta ao povo português perceber é que quando tem algum excedente, por iniciativa própria poderá dar, por sistema, sem ser preciso identificar uma tragédia.

Mas não basta ver as notícias para identificar tragédias?

Talvez, mas mesmo assim é preciso que a comunicação social insista. Tem de haver uma campanha e os *media* têm nisso um papel fundamental.

E depois, embora colabore no momento da urgência, a comunicação social falha ao informar sobre o que se fez com o dinheiro doado. Todo o dinheiro que nos é dado vai para os destinatários (é uma das vantagens que temos) porque temos estruturas locais, não precisamos de enviar as equipas, com o custo inerente.

Funciona tudo à distância?

Nem tudo. Responsabilizamo-nos. Identificamos as necessidades, enviamos uma primeira tranche, depois vamos verificar se o trabalho está a ser realizado. Só depois é que damos a segunda tranche e por aí fora. Estes processos acontecem em três



A SABER

Quatro princípios da Cáritas Portuguesa

01 O RESPEITO
O respeito incondicional pela dignidade das pessoas. Caminhamos com todos os que queiram defender as pessoas.

02 A UNIVERSALIDADE
Existimos para todas as pessoas e queremos ajudar a resolver todos os problemas: de ordem material, social, moral, psíquica e espiritual.

03 A JUSTIÇA
Procuramos que as pessoas tenham os direitos que lhes assistem por serem pessoas. E quando a justiça tarda em concretizar as suas obrigações, tentamos com a caridade.

04 O DESTINO UNIVERSAL DOS BENS
Tudo o que existe deve estar ao serviço de todos e por isso reclamamos maior justiça social. A lógica das nossas campanhas de solidariedade tem como base este princípio. Porque o nosso sonho é construir uma sociedade mais fraterna.

ou quatro fases, os técnicos vão verificar se está a ser feito. Gastamos apenas na deslocação dessas pessoas, o resto é tudo entregue.

Saberem isso motivaria as pessoas a darem mais?

Ajudaria a criar a cultura da solidariedade, o dar por sistema porque é sempre necessário. É uma questão de visão da sociedade. Já evoluímos muito quanto à ecologia, à proteção dos animais, mas falta-nos a ideia da construção do bem comum. Temos de perceber, de uma vez por todas, que vivemos dependentes uns dos outros, desde o mais pequeno ao maior.

Já conseguimos ter uma ideia de um rendimento mínimo e mesmo assim reagimos mal. E ninguém reage contra a possibilidade de haver uma desconexão entre rendimentos máximos. Eu defendo que deveria haver um limite de rendimento máximo.

É uma questão de equilíbrio?

Quando peço um rendimento mínimo e máximo em Portugal estou a fazer aquilo que nalguns países já acontece: o CEO de uma empresa não pode ganhar mais que x vezes o ordenado mais baixo da empresa. Isto é um patamar. Mas que essa pessoa faça as suas aplicações, ren-

tabilize o que ganha, e depois tenha uma casa melhor, isso, com certeza, já é fruto da gestão que faz. E se ela quiser pegar em tudo e estoirar, pois que sofra as consequências disso. Que não fique a ideia que sou contra os ricos, não tenho absolutamente nada contra os ricos. Eu sou contra o mau uso que se faz da riqueza que se tem. Porque a pobreza não é uma questão de falta de dinheiro, o dinheiro existe, há dinheiro. A pobreza absoluta, que é viver-se com um euro por dia, isto é possível erradicar. Porque há riqueza no mundo que pode acabar com isto.